

AS “HISTÓRIAS VERDADEIRAS”: USOS DA ETNOGRAFIA, DA SOCIOLOGIA E DA HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDEIA DO BRASIL COMO UMA NOVA CIVILIZAÇÃO NA OBRA DE BLAISE CENDRARS

The “true stories”: uses of ethnography, sociology and history in the construction of the idea of Brazil as a new civilization in the work of Blaise Cendrars

Karla Adriana de Aquino¹⁵⁸

RESUMO: Blaise Cendrars escreve o que ele chama de “histórias verdadeiras”, para falar do Brasil que conheceu em três longas viagens nos anos 1920. O autor faz tábula rasa do seu estilo inicial de poeta vanguardista, para comentar as tradições culturais do país, usando sua sensibilidade etnográfica, sociológica e historiográfica no sentido de afirmar um novo modelo de civilização que se opõe frontalmente ao paradigma civilizatório europeu, incorporando tudo aquilo que se considerava “primitivo”.

PALAVRAS-CHAVES: Blaise Cendrars. Civilização. Utopia.

ABSTRACT: Blaise Cendrars writes what he calls “true stories”, in order to comment the Brazil he met in three long trips in the 1920’s decade. The author makes light of his initial style as a vanguard poet to comment the cultural traditions of the country, using his ethnographic, sociological and historiographic sensibility to build the statement of a new model of civilisation that frontally opposes to the European civilizatory paradigm, thus embedding everything considered “primitive”.

KEYWORDS: Blaise Cendrars. Civilization. Utopia.

Já nos estatutos da *Sociedade de Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil*, redigidos por Blaise Cendrars durante sua primeira viagem ao Brasil em 1924, encontra-se presente a questão do respeito etnológico às tradições culturais do país, desde as festas populares à culinária, passando pelo legado de negros e indígenas. A questão é frequente também em sua obra literária: ora tratado por via da etnografia e da história, especialmente nos seus ensaios-reportagens, ora, evidentemente, tratado esteticamente sob a forma ficcional, que frequentemente se mescla àqueles gêneros referenciais, como na recriação do folclore, mas não só, pois, em toda a obra de Cendrars que aborda o Brasil, há, evidentemente, uma recriação estética de sua experiência brasileira.

Na obra literária de Blaise Cendrars sobre o Brasil, dos caboclos aos bandeirantes, das procissões à reportagem sobre o assassino Febrônio Índio da Costa,

¹⁵⁸ Doutora em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGHIS-UFRJ; Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense/UFF, Historiadora no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN. e-mail: karla.adriana.aquino@gmail.com

impõe-se a curiosidade do aprendiz de historiador e etnógrafo, que faz uma espécie de “inventário” da chamada “realidade” brasileira, constituindo aquilo que chamamos de um *capital* de informação historiográfico e etnográfico. Em pequenas tentativas de ensaios antropológicos, hipóteses sobre a identidade cultural brasileira são levantadas. Seu método parte do fato real, da descrição quase jornalística, até chegar ao que Teresa Thiériot chama de “abandono de uma imaginação poderosa” (THIÉRIOT, 1976, p.11), imaginação essa frequentemente ancorada em fatos reais. Personagens reais como Febrônio misturam-se aos fictícios como o “Coronel Bento”, o “Lobisomem de Minas”, Oswaldo Padroso, Manolo Secca, tipos que ele criou, dando vida romanesca a pessoas, fatos reais e lugares que de fato conheceu.

Na ficção, esses personagens paradigmáticos parecem servir à confirmação daquelas hipóteses. Imbricam-se criação literária e olhar antropológico. Uma de suas teses é a da importância da mestiçagem na formação da identidade brasileira. Tal como Gilberto Freyre, e, na mesma época, Cendrars sustenta que o brasileiro é o amálgama da contribuição de negros, índios e brancos.

Já em seu anteprojeto para o patrimônio cultural do país, de 1924, verifica-se o mesmo valor atribuído aos três ramos formadores do “brasileiro”. Mas, talvez por isso mesmo, pela importância dada às manifestações culturais tradicionais populares, esse projeto tenha sido preterido quando da implantação do serviço no país nos anos 1930.

Deste modo, o projeto intelectual de Blaise Cendrars desenvolve-se a partir de suas viagens ao Brasil, calcado num interesse etnológico, sociológico, histórico e estético, coincidindo com o momento de emergência da questão patrimonial no país e de teses explicativas de nossa formação cultural.

1- “La métaphysique du café” (1927): um ensaio sobre o surgimento de uma nova civilização no Brasil

Em 1931, Blaise Cendrars publica o livro *Aujourd’hui*, classificado como um volume de ensaios, mas que se aproxima em vários momentos do manifesto, apresentando o que Claude Lévy chama de “profissão de fé” “en quête de programme”/“em busca de programa”. Nesse livro, há um ensaio sobre o Brasil, chamado “*La métaphysique du café*”, publicado em *O Jornal*, em 1927, em edição comemorativa do bicentenário do café. Nesse ensaio, ele faz uso de narrativas num registro próximo do jornalístico, fotográfico, sobre o que ele viu em suas viagens pelo

Brasil, para apresentar uma tese sobre as transformações econômico-sociais que teriam sido gestadas pela expansão da monocultura, vista como um signo de grandeza, especialmente a monocultura do café.

Para Blaise Cendrars, o mais poderoso agente transformador da paisagem da época contemporânea é a monocultura, relacionando a ela vários dos signos de modernidade que compunham seu vocabulário modernista, em obras anteriores a *Aujourd'hui*, como no volume de poesias escrito durante sua primeira viagem ao Brasil, *Feuilles de Route*: as estradas, os canais, as ferrovias, os portos, os entrepostos, as estações de trem, as fábricas, as linhas elétricas de alta tensão, os encanamentos de água, as pontes, os túneis. “Em menos de cinquenta anos a monocultura transformou o aspecto do mundo do qual ela dirige a exploração com uma maestria surpreendente”¹⁵⁹ (CENDRARS, 1960, p. 236).

A monocultura, segundo o autor, tanto dissocia quanto desagrega, subvertendo a economia secular, com sua necessidade de matérias-primas e sua despreocupação com a natureza. Assim, a agricultura torna-se, para ele, cada vez mais científica, cultivando um pequeno número de espécies, o que tornaria as paisagens cada vez mais monótonas, mas seria um signo de grandeza. Esse aspecto encontraria no Brasil seu maior exemplo, com a monocultura do café, à qual Cendrars credita todo tipo de modernidade: “tudo isto [todo tipo de produto moderno] saiu de um grão de café”¹⁶⁰ (CENDRARS, 1960, p. 236-237). Ele narra sua visita à fazenda São Martinho, onde assiste ao trabalho dos agricultores nos cafezais, como uma “conquista do espírito humano” sobre a natureza, detendo-se na descrição do modo de vida desses trabalhadores¹⁶¹ (CENDRARS, 1960, p. 237-238).

¹⁵⁹ “En moins de cinquante ans la monoculture a transformé l’aspect du monde dont elle dirige l’exploitation avec une maîtrise étonnante” (tradução minha).

¹⁶⁰ “Tout cela [todo tipo de produto moderno] est sorti d’un grain de café” (tradução minha).

¹⁶¹ “Quel spectacle! [...] Des hommes sont venus. Ils ont mis le feu à la forêt vierge. On a débroussé. On a arraché les souches séculaires. On désherbe. On ameublit le sol pour recevoir par centaines de milles les jeunes plants des caféiers confortablement installés dans leur petit panier de copeau... On travaille. Tous les jours. Trois cent soixante-cinq fois par ans on accomplit la même besogne, avec entêtement, minutieusement, en silence. On bote le feu. On débrousse. On plante. Et les plantations s’étendent, s’étendent dans l’intérieur du pays, sur des milliers et des milliers de kilomètres carrés...”; “Que espetáculo! [...] ... Homens vieram. Colocaram fogo na floresta virgem. Devastaram-na. Arrancaram os troncos seculares. Capinaram. Apropriaram-se do solo para receber centenas de milhares de mudas de cafeeiros confortavelmente instaladas no seu pequeno cesto de palha... Trabalham. Todos os dias. Trezentos e sessenta e cinco dias por ano executa-se a mesma tarefa, com teimosia, minuciosamente, em silêncio. Tocam fogo. Devastam. Plantam. E as plantações se estendem, se estendem pelo interior do país, por milhares e milhares de quilômetros quadrados...” (tradução minha).

O café teria atraído homens de todos os lugares e seria o responsável pelo crescimento da cidade de São Paulo. Toda transformação dos costumes, todas as transformações materiais se fazem acompanhar do que ele chama de uma “progressão moral”, de “uma concepção moderna da civilização”, do desenvolvimento da democracia, do cidadão e de seus direitos, que seriam, assim, devidos à monocultura do café, motor de todo o desenvolvimento. Deste modo, “o café é uma entidade metafísica”¹⁶², diz o autor (CENDRARS, 1960, p. 239). Sendo, assim, nesse texto de 1927, aparece pela primeira vez na obra de Cendrars algo como uma ideia de “civilização tropical”¹⁶³ (BOTELHO, 2012, p. 92; *Idem*, dec. 2013, p. 49; LIMA; BOTELHO, jul-set. 2013, p. 753; *cf.* LOPEZ, 1972, *Idem*, 1976), nova, moderna, democrática, que teria raízes na monocultura, especialmente, na do café, no Brasil.

Em todos os lugares onde há um centro mundial de produção, em todos os lugares onde a monocultura introduziu novos métodos que nenhuma teoria clássica, que nenhuma ideologia podia prever, em todos os lugares a monocultura, subvertendo o relevo do solo, a fauna e a flora, ela subverteu igualmente o coração do homem. Quer se trate do trigo, do milho, do algodão, da borracha, da seda, do arroz, do chá, de frutas ou de legumes, de pecuária, de carne congelada, de tabaco, de cacau, de açúcar e, no Brasil, sobretudo de café, em todos os lugares o progresso, a riqueza, as transformações materiais se fazem acompanhar de um progresso moral, uma evolução rápida da sociedade e uma nova concepção da civilização, da democracia, do cidadão e de seus direitos.

É nesse sentido que o café é uma entidade metafísica, assim como os outros produtos da terra e todo o trabalho do homem.¹⁶⁴ (CENDRARS, 1960, p. 238-239).

2- Histoires vraies (1937): o futuro da civilização, uma tese de fundo etnográfico?

Após suas viagens ao Brasil, um dos gêneros que Blaise Cendrars desenvolve, especialmente nos anos 1930, é o que ele chama de “*histoires vraies*” (“histórias verdadeiras”), que estão numa escala entre ensaio-reportagem e crônica-ficção.

¹⁶² “le café est une entité métaphysique” (tradução minha).

¹⁶³ Conceito que André Botelho e Nísia Trindade Lima usam, a partir de Telê Ancona Lopez, para definir a ideia de civilização que aparece na obra de Mário de Andrade.

¹⁶⁴ “[...] partout où il y a un centre mondial de production, partout où la monoculture a introduit des méthodes nouvelles qu’aucune théorie classique, qu’aucune idéologie n’avaient su prévoir, partout la monoculture, en bouleversant le relief du sol, la faune et la flore, elle a également bouleversé le coeur de l’homme. Qu’il s’agisse de blé, de maïs, de coton, de caoutchouc, de soie, de riz, de thé, de fruits ou de légumes, d’élevage ou de frigo, de tabac, de cacao, de sucre et, au Brésil, surtout de café, partout le progrès, la richesse, les transformations matérielles vont de pair avec une progression morale, une évolution rapide de la société et une conception nouvelle de la civilisation, de la démocratie, du citoyen et de ses droits./ C’est en ce sens que le café est une entité métaphysique, au même titre que les autres produits de la terre et tout le labeur de l’homme.” (tradução minha).

Classificadas como “nouvelles” pelo editor, são apresentadas como se fossem reportagens sobre fatos diversos, supostamente desenvolvidas a partir das experiências empíricas do autor, que as apresenta como se fossem verídicas, recorrendo com frequência ao que seriam narrativas históricas. De fato, elas tanto podem se basear nas experiências empíricas do autor, especialmente em suas viagens, quanto podem ser fictícias.

É notória a capacidade de Cendrars de descrever episódios inventados como fatos vividos. Tais episódios têm origem tanto nas suas viagens pelo mundo, como no que conheceu por intermédio do que aprendeu com pessoas ou, provavelmente, no que leu sobre os mais variados assuntos. Em muitas dessas “reportagens”, ele desenvolve uma espécie de antropologia histórica, passeando pelos gêneros etnográfico e histórico, que lhe servem para afirmar certas hipóteses.

Por isso, chamamos essas “histórias verdadeiras” de ensaios-reportagem, ainda que em alguns momentos elas se aproximem mais de um gênero entre crônicas e ficção, como em *D’Oultremer à Indigo*. Por isso também falamos no desenvolvimento de uma “sensibilidade etnográfica” nas obras de Cendrars sobre o Brasil. “Etnografia” é aqui entendida como o estudo descritivo da cultura dos povos, seus hábitos e costumes, suas tradições. Também entendemos se tratar do desenvolvimento de uma “sensibilidade etnográfica” porque essa explicação sobre o país que ele produz parte de seu conhecimento físico do país, de sua experiência empírica, como num estudo de campo, ainda que não obedeça aos protocolos da disciplina.

Blaise Cendrars utiliza a expressão “histórias verdadeiras” pela primeira vez para as narrativas que designamos como “ensaios-reportagens” quando publica *Histoires vraies*, em 1937, volume no qual apresenta narrativas sobre o Brasil: “*Le cercle du diamant*”, “*L’actualité de demain*” e “*En transatlantique dans la forêt vierge*”.

O Cendrars etnógrafo aparece em “*Le cercle du diamant*”, através da descrição da vida dos trabalhadores, no caso, dos mineradores que procuravam diamantes “nos confins das florestas virgens de Mato Grosso e Goiás”¹⁶⁵ (CENDRARS, 1960b, p. 376), exemplo daquilo que podemos chamar de “inventário” da “realidade” social encontrada no Brasil¹⁶⁶ (CENDRARS, 1960b, p. 378).

¹⁶⁵ “aux confins des forêts vierges de Matto Grosso et de Goyaz” (tradução minha).

¹⁶⁶ “[...] Ici, en forêt, avec une poignée de ces mêmes diamants, c’est tout juste si le famélique chercheur peut se payer le luxe d’un cordon de tabac à chiquer, d’une Calebasse de mauvais alcool de Cuyaba et de

Cendrars traça verdadeiros “quadros de civilização”, através de suas descrições da vida cotidiana da sociedade brasileira, em particular da vida dos trabalhadores, dos homens simples, no trabalho ou nas suas vidas domésticas, remetendo a um filão que começava a se desenvolver no Brasil, desde o surgimento de *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre, em 1933, que Cendrars leu e elogiou em *Trop, c'est trop* (CENDRARS, 2005, p. 385-386): uma história do cotidiano, dos modos de vida, num cruzamento entre essa disciplina e uma abordagem sociológica, com implicações etnográficas. É assim que ele descreve os mineradores: como “caboclos do interior”, “de sangue misturado” e de temperamento nômade. Por enquanto, registremos a mirada etnográfica e sociológica em suas “histórias verdadeiras”¹⁶⁷ (CENDRARS, 1960b, p. 378).

Mais adiante, vemos, nessa outra “história verdadeira” que é “*En transatlantique dans la forêt vierge*”, o desenvolvimento da tese de que “a nova raça” não estava ainda solidamente constituída, tal qual “a nação brasileira”, mas que a unidade do país se deveria ao caboclo (CENDRARS, 1960b, p. 447).

Não há confirmação de que o autor tenha realmente conhecido os estados do Centro-Oeste e Norte, apesar de Cendrars ter de fato retornado ao Brasil ainda nos anos 1920. Mesmo assim, ele recria, nessa espécie de reportagem que é “*Le cercle du diamant*”, o ambiente desse Brasil profundo, contribuindo também para a construção de uma imagem do país como uma paradoxal terra de utopia, onde as riquezas, o maravilhoso do Brasil, representado pelo diamante, contrasta com a desolação da vida dos mineradores, comparada ao inferno (CENDRARS, 1960b, p. 377).

Ainda em “*Le cercle de diamants*”, há um trecho em que Cendrars relembra sua viagem para conhecer o carnaval do Rio de Janeiro, no qual notamos o valor dado às

quelques boîtes de conserves japonaises chez le colporteur syrien quand il en passe un dans ces solitudes, et si le marchand ne vient pas, le chercheur finira par perdre tout aux cartes, un jour de cafard, qu'il est malade, qu'il a de la fièvre, qu'il maudit son existence, qu'il exècre le diamant, est dégoûté de tout, en veut au monde entier, cherche noise à ses compagnons et, pour un oui ou pour un non, joue du couteau ou décharge sa carabine sur son semblable./ On meurt beaucoup de mort violente sur la rive droite du *rio das Garças* car, vraiment, la vie d'un homme n'y vaut rien”; “Aqui, na floresta, com um punhado desses mesmos diamantes, e exatamente se o faminto minerador pode pagar pelo luxo de um pouco de tabaco para mascar, uma cumbuca de álcool ruim de Cuiabá e algumas latas de conserva japonesa com o caixeiro-viajante sírio, quando passa um nas solidões, e se o mercador não vem, o minerador acabará perdendo tudo nas cartas, num dia de chateação, em que ele está doente, que tem febre, que maldiz sua existência, que execra o diamante, desgostoso de tudo, com raiva de tudo no mundo, que procura encrenca com seus companheiros e, por isso e aquilo, maneja a faca ou descarrega a carabina no seu semelhante./ Morre-se muito de morte violenta sobre a margem direita do *rio das Garças*, pois, realmente, a vida de um homem não valhe nada.” (tradução minha).

¹⁶⁷ “Em 1926, eles eram cento e quarenta dois no campo das Garças, os caçadores, sujeitos esquentados, desertores, aventureiros, na maioria de ‘sangue misturado’, ou pelo menos caboclos do interior que não podem permanecer onde estão, o camponês brasileiro sendo, como todos os desbravadores, nômade de temperamento.” (tradução minha).

manifestações culturais tradicionais dos negros. Ele cita a orquestra de Donga, “Os oito batutas”, os ritmos do samba, da macumba e do maxixe (CENDRARS, 1960b, p. 379).

Também com relação à sua descrição dos modos de vida do Brasil profundo de Mato Grosso e Goiás, o autor faz apelo aos traços pitorescos da fauna brasileira, descrevendo hábitos locais, como a caça à onça, a pesca ao boto, as danças “dos selvagens”, a mineração do ouro, a caça às borboletas (CENDRARS, 1960b, p. 384-385).

Em “*L’actualité de demain (choses vues)*”, outra reportagem de *Histoires vraies* que trata do Brasil, Blaise Cendrars defende a tese de que “O século XXI será o século da América Latina”, que “O futuro da Humanidade está no Ocidente, no Extremo-Ocidente”, que “O pêndulo da civilização se desloca para o Oeste”, que o futuro está na “fusão de raças”. Esta “fusão de raças” significa e exige, por sua vez, um “retorno às origens”, origens que estariam nessa mesma região, já que “as raças humanas nasceram no planalto brasileiro” (CENDRARS, 1960b, p. 420). Portanto, o novo grande acontecimento histórico da humanidade é, para ele, essa “fusão de raças” que se dá nas Américas do Sul e Central, especialmente no Brasil¹⁶⁸ (CENDRARS, 1960b, p. 420). Essa ideia de Blaise Cendrars de que o futuro do planeta estaria na América do Sul é confirmada por Sérgio Buarque de Holanda, que relata ter ouvido isto do próprio franco-suíço¹⁶⁹ (HOLANDA, 1996, p. 232).

Para Cendrars, a “questão da cor” não se coloca no Brasil, no México e nas outras repúblicas da América do Sul, ao contrário de nos Estados Unidos da América. Por isso, as “democracias sul-americanas” teriam uma “missão histórica”, segundo lhe

¹⁶⁸ “Le XXIème siècle sera le siècle de l’Amérique Latine. C’est pourquoi l’Europe, et tout particulièrement la France et les pays méditerranéens ont tort de se désintéresser complètement des révolutions politiques, économiques, morales, sentimentales, religieuses du Sud et du Centre-Amérique. C’est dans ces régions, aujourd’hui encore aux trois quarts vierges, que vont se jouer leurs prochaines destinées./ L’avenir de l’Humanité est en Occident, en Extrême-Occident. Le pendule de la civilisation se déplace vers l’Ouest. C’est un retour aux origines, car les races humaines sont nées sur le *planaltino* brésilien [...]. Depuis quatre siècles la fusion des races Rouge, Noire, Blanche, et depuis quelques décades, Jaune s’accomplit dans l’Amérique du Sud et du Centre. Voici le nouveau fait historique auquel personne ne prend garde et qui sera l’actualité de demain (et non pas la liquidation de la guerre ou l’avenir de la Société des Nations).”; “O século XXI será o século da América Latina. É por isso que a Europa, e particularmente a França e os países mediterrâneos erram ao se desinteressarem completamente das revoluções políticas, econômicas, morais, sentimentais, religiosas do Sul e da Centro-América. É nessas regiões, hoje ainda três-quartos virgens, que vai se dar seu futuro destino./ O futuro da Humanidade está no Ocidente, no Extremo-Ocidente. O pêndulo da civilização se move para o Oeste. É um retorno às origens, pois as raças humanas nasceram no *planaltino* brasileiro [...]. Há quatro séculos, a fusão das raças Vermelha, Negra, Branca, e há algumas décadas, Amarela se realiza na América do Sul e do Centro. Eis o novo fato histórico no qual ninguém presta atenção e que será a atualidade de amanhã (e não a liquidação da guerra ou o futuro da Sociedade das Nações).” (tradução minha).

¹⁶⁹ “Conversando com Blaise Cendrars”, *O Jornal*, 23 de setembro de 1927.

haveria dito o presidente do Brasil Washington Luiz, amigo de seus colegas modernistas, em 1926.

Assim como a Revolução Francesa proclamou os princípios democráticos, a “missão histórica” das “democracias sul-americanas” seria realizar o desejo de que esses princípios se estendam a toda a coletividade humana, sem distinção de raça (CENDRARS, 1960b, p. 420-421).

Vemos aí como Cendrars faz uso de um gênero que se assemelha ao ensaístico, em suas “histórias verdadeiras”, recorrendo também aos gêneros jornalístico e historiográfico, para afirmar uma tese que tem por metodologia uma mirada etnográfica. No caso, a tese da “fusão” das três raças-base da formação demográfica sul-americana, os brancos, os negros e os indígenas, às quais acrescenta os orientais recém-chegados naquela época.

Ao contrário, dos Estados-Unidos da América do Norte, nos Estados-Unidos do Brasil, a questão da cor não se coloca. Também não se coloca no México, assim como não se coloca nas outras repúblicas da América do Sul, e é a ausência desta questão de cor que dá o ar de humanidade profunda às democracias sul-americanas, conscientes de sua missão histórica.

Assim me dizia em 1926 o presidente dos Estados-Unidos do Brasil, Sr. Washington Luís: “A missão histórica da França terá sido o advento da Revolução e a proclamação diante do mundo dos puros princípios democráticos. A missão histórica dos U.S.A. é, passando da teoria à prática, a aplicação desses mesmos princípios democráticos a largas camadas sociais, todas originárias da raça branca. A missão histórica das democracias sul-americanas consistirá na realização do voto da Revolução Francesa, isto é, de fazer toda a coletividade usufruir esses princípios, sem distinção de raça e cor. Seguramente, esta etapa será longa, cheia de dificuldades, de surpresas, de avanços e recuos.”¹⁷⁰ (CENDRARS, 1960b, p. 420-421)

Essa tese da “fusão” das raças-base da população sul-americana mostra como essa ideia circulava nos meios letrados da época e mesmo bem antes, com Von Martius, por exemplo. Como já foi dito, *Histoires Vraies* foi escrito após as viagens de Blaise Cendrars ao Brasil, nos anos 1920, tendo sido publicado em 1937, um pouco depois da

¹⁷⁰ “Au contraire des Etats-Unis de l’Amérique du Nord, aux Etats-Unis du Brésil la question de *couleur* ne se pose pas. Elle ne se pose pas non plus au Mexique, pas plus qu’elle ne se pose dans les autres républiques de l’Amérique du Sud, et c’est l’absence de cette question de couleur qui donne si grande allure d’humanité profonde aux démocraties sud-américaines, consciente de leur mission historique./ Ainsi que me disait en 1926 le président des Etats-Unis du Brésil, S.E. Washington Luiz : ‘La mission historique de la France aura été l’avènement de la Révolution et la proclamation à la face du monde des purs principes démocratiques. La mission historique des U.S.A. est, en passant de la théorie à la pratique, l’application de ces mêmes principes démocratiques à des larges couches sociales, toutes originaires de la race blanche. La mission historique des démocraties sud-américaines consistera à réaliser le voeu de la Révolution française, c’est-à-dire à faire profiter de ces principes toute la collectivité humaine, sans distinction ni de race, ni de couleur. Assurément, cette étape sera longue, pleine de difficultés, de surprises, d’à-coups et de coups de frein.’” (tradução minha).

publicação de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, de 1933, que apresenta a tese da miscigenação entre portugueses, índios e negros no Brasil, e também valoriza a contribuição cultural de negros e índios na formação brasileira. É também alguns anos depois que, em *Brasil, país do futuro*, de 1941, Stefan Zweig considera o Brasil como um “país do futuro”, assim como no trecho anteriormente citado de “*L’actualité de demain*”, de Blaise Cendrars. Ambos os textos são marcadamente utopistas e em grande medida idealistas.

Ainda em “*L’actualité de demain*”, Cendrars recorre, outra vez, à narrativa historiográfica, contando a história da “revolução” de 1924, em São Paulo, liderada pelo general Isidoro¹⁷¹ (CENDRARS, 1960b, p. 426-427). Mais um exemplo das narrativas historiográficas que Blaise Cendrars introduz nos seus textos dos mais variados gêneros, que servem de justificativa para certas teses que ele propõe. Também em *Le lotissement du ciel*, de 1949, o autor inclui uma narrativa historiográfica sobre o movimento de 1924 no meio da ficção de “*La Tour Eiffel sidérale*”. Conclui com a reafirmação de que se deveria dar mais atenção aos países americanos, porque o futuro estaria sendo

¹⁷¹ “En septembre 1924, dans la bonne ville de São-Paulo (Brésil), cela bardait. En une nuit, le général Isodoro, à la tête d’un groupe d’officiers révolutionnaires, d’un bataillon de la Force Publique et de quelque 400 insurgés venus de l’intérieur, prenait la ville industrielle, une capitale moderne de 800.000 habitants! Les combats des rues furent des plus vifs./[...] Le général Isodoro profita de cette accalmie [alguns dias de trégua] por consolider ses positions. Il fit creuser des tranchées, occuper les gares, les ponts, les routes, les voies ferrées, mettre en position ses 75 et une batterie de canons lousds que la garnison d’Itú était venue mettre à sa disposition dès le lendemain de la révolte. Il attendait lui aussi du renfort. Le mouvement était concerté. Toutes les garnisons de l’immense territoire devaient se révolter./ [...] A peine son artillerie en position sur les collines qui dominant la ville, le général Socrates, commandait les troupes fédérales d’investissements, déclenche sur cette ville ouverte, qu’aucun de ses 800.000 habitants n’avait encore évacuée, un bombardement « à l’allemande ». [...] / Cet absurde bombardement dura 29 jours et 29 nuits. [...]”; “Em setembro de 1924, na boa cidade de São Paulo (Brasil), a coisa ficou preta. Em uma noite, o general Isidoro, no comando de um grupo de oficiais revolucionários, de um batalhão da Força Pública e de uns 400 insurgentes vindos do interior, tomava a cidade industrial, uma capital moderna de 800.000 habitantes! Os combates nas ruas foram dos mais vivos./ [...] O general Isidoro se aproveitou dessa acalmia [alguns dias de trégua] para consolidar suas posições. Ele ordenou que se cavassem trincheiras, que se ocupassem as estações, as pontes, as estradas, as estradas de ferro, que se colocassem em posição seus 75 e uma bateria de canhões pesados que a guarnição de Itú tinha vindo pôr à sua disposição desde o dia seguinte da revolta. Ele mesmo esperava reforço. O movimento estava combinado. Todas as guarnições do imenso território deviam se rebelar./ [...] Apenas sua artilharia se pôs em posição sobre as colinas que dominavam a cidade, o general Sócrates, comandante das tropas federais de assalto, desencadeou sobre esta cidade aberta, que nenhum de seus 800.000 habitantes haviam evacuado, um bombardeio à ‘alemã’. [...] / Este absurdo bombardeio durou 29 dias e 29 noites.” (tradução minha).

decidido na América do Sul, apesar da indiferença dos jovens europeus¹⁷² (CENDRARS, 1960b, p. 429).

Cendrars, ainda em “*L’actualité de demain*”, compara o Brasil à Rússia, tanto no “gigantismo”, como no caráter de seu povo, chegando à conclusão de que os dois povos são patriotas e revolucionários. O autor indaga se a revolução não seria uma manifestação do fenômeno “climatológico” do “gigantismo”, que seria uma das raras manifestações do “ambiente humano” (“climat humain”) totalmente “fora do reino da razão”, afirmando que a América Latina é uma “Rússia tropical” (CENDRARS, 1960b, p. 431).

Essa discussão confirma a tese aqui sustentada de que as viagens de Blaise Cendrars ao Brasil mudaram definitivamente a posição do autor no quadro artístico mundial, deslocando sua perspectiva do centro da produção artística global, a Europa racionalista, para o que ele chama de “confins da civilização”, com a afirmação de um paradigma civilizatório primitivista, “sentimental, instintiv(o), obscur(o), feroz”, até mesmo “ceg(o)”, diz, referindo-se, à transformação da “política”, da atmosfera moral, do “ambiente humano”/“le climat humain”.

Se então, hoje, a política tende universalmente a se transformar em revolucionária, isto prova que o ambiente humano vai se transformar e que de racional a política vai se transformar em sentimental, instintiva, obscura, feroz, cega.¹⁷³ (CENDRARS, 1960b, p. 431)

¹⁷² “Je mentionne la sédition de São-Paulo pour en arriver à ceci qui prouve bien l’incompréhension des Européens pour tout ce qui touche les révolutions sud-américaines:/ [...] Isodoro [sic] était un vieux positiviste, un disciple d’Auguste Comte, et que sa révolution était une révolution de puriste et son but, le retour aux véritables principes républicains et démagogiques de Liberté, d’Egalité, de Fraternité, d’Humanité./ [...] Dire qu’il y a des jeunes gens qui s’ennuient dans la vie !/ Dire qu’il y a des jeunes gens qui sont convaincus qu’il ne se passe plus rien dans le monde !/ Dire qu’il y a des jeunes gens qui posent la question « Genève ou Moscou » et d’autres jeunes gens celle de « Moscou ou New York » !/ Mais l’*Actualité* grosse d’avenir pour la race blanche n’est ni à Genève, ni à Moscou, allez donc voir ce qui se passe dans les Amériques, mes jeunes braves [...]”; “Menciono a sedição de São Paulo para chegar a isso que prova bem a incompreensão dos europeus no que diz respeito a tudo o que concerne às revoluções sul-americanas/ [...] Isodoro era um velho positivista, um discípulo de Auguste Comte, e sua revolução era uma revolução de purista, e seu objetivo, o retorno aos verdadeiros princípios republicanos e demagógicos de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, de Humanidade./[...] Dizer que há jovens que se entediam na vida !/ Dizer que há jovens que estão convencidos que não acontece nada no mundo !/ Dizer que há jovens que colocam a questão ‘Genebra ou Moscou’ e outros jovens a questão ‘Moscou ou Nova York’ !/ Mas a verdadeira *Atualidade* do futuro para a raça branca não está nem em Genebra, nem em Moscou, ide então ver o que se passa nas Américas, meus bravos jovens.” (tradução minha).

¹⁷³ “Si donc, aujourd’hui, la politique tend universellement à devenir révolutionnaire, cela prouve que le climat humain va changer et que de rationnelle la politique va devenir sentimentale, instinctive, obscure, féroce, aveugle.” (tradução minha).

Cendrars transfigura esses traços negativos de tudo que, no paradigma europeu de “civilização”, era considerado “primitivo”, próprio dos países “tropicais”, em signos positivos, assim como fez Mário de Andrade no seu novo modelo de “civilização tropical”. Portanto, podemos dizer com relação a Cendrars o mesmo que Nísia Trindade Lima e André Botelho disseram com relação a Mário de Andrade: a valorização do “primitivo” não se dá em detrimento da “civilização”, mas opera como “fator de correção”, como contraponto à tendência de homogeneização daquele paradigma eurocêntrico de civilização, afirmando um modelo de civilização plural (LIMA; BOTELHO, jul-set. 2013, p. 760).

A seguir, ele mais uma vez invoca a história do Brasil, através de um *post scriptum*, no qual registra o golpe de estado de 1937 por Getúlio Vargas. Trata-se de uma forma de autenticar suas hipóteses com a invocação de seus conhecimentos historiográficos? Um modo de construir sua autoridade como *connaissanceur*?

O último ensaio-reportagem de *Histoires vraies*, “*En transatlantique dans la forêt vierge*”, é dedicado à memória de Dona Olívia de Penteadó-Telles, uma das amigas que ele fez junto aos modernistas e que, de fato, viajou com Mário de Andrade à Amazônia. Nesse ensaio-reportagem, Cendrars diz que a mais bela viagem que se pode fazer é aquela na qual se sente mais “despaisado”, mais desorientado. Referindo-se à sua viagem pela Amazônia (da qual não há comprovação de que ele a tenha feito), ele diz que se tratava de “um mundo talvez em formação”, “em gestação”, “como no começo do mundo”, signos de renascimento. Isso parece confirmar nossa tese de que as viagens do autor ao Brasil levaram-no e a sua obra a passarem por uma desterritorialização tanto no espaço, com seu “batismo” nesse território da alteridade, e no tempo, já que esse território o desloca para o começo dos tempos, para as origens do mundo (CENDRARS, 1960b, p. 438). Isso também está de acordo com sua tese de que o futuro estaria nessas terras da América do Sul, exatamente porque nelas estariam as origens do mundo, como ele diz em “*L’actualité de demain*”.

Ainda em “*En transatlantique dans la forêt vierge*”, Blaise Cendrars se vale dos gêneros jornalístico e geográfico, com sua relação com a “verdade”, seu pacto referencial com o público leitor, de forma a legitimar suas teses. Ele reforça a ideia de que a Amazônia é “um mundo à parte”, “único”, “inédito”, “sem semelhança”, o mais “exótico” possível, com suas grandezas sem igual, através de uma descrição geográfica pormenorizada da região (CENDRARS, 1960b, p. 439).

É interessante como essas narrativas de viagem pela Amazônia, que Cendrars introduz nos diferentes gêneros de que se vale, remetem às narrativas de viagem de Mário de Andrade, em *O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Perú pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega!*, e às narrativas de Euclides da Cunha, de quem era leitor, em *À margem da história*. O “gigantismo” desse mundo, com sua vegetação invasora, a novidade que ele representa leva ao “despauamento” “total” do turista, subvertendo-o. Fica evidente nessa “reportagem” a tese aqui defendida de que o autor usa essas narrativas de viagem como um capital em sua obra, marcando o caráter fundador de sua iniciação física nesse mundo “novo”, “proibido”, “desconhecido”, nesse “mistério da floresta”, que “perturba”, “subverte” “o homem civilizado” (CENDRARS, 1960b, p. 440-442).

Mas depois de atravessar a barra [...] quando o navio [contorna os igapós das terras móveis de Marajó] [...] é só então que o turista se dá conta que, não somente ele foi transportado para um novo mundo, mais logo que aborda, que penetra num mundo proibido... e, instantaneamente, ele sente sua atração ou mistério, e é completamente transformado por ele, pois seu ‘despauamento’, sua desorientação é total./ A súbita sensação de mergulhar num universo desconhecido é uma sensação grandiosa, inexprimível, e provavelmente é também a sensação mais forte e mais inquietante que possa perturbar um homem civilizado. Basta observar os passageiros para se convencer, enquanto se remonta o rio.¹⁷⁴ (CENDRARS, 1960b, p. 441)

A ideia de que “o apelo da floresta” subverte o homem civilizado com “a miragem da vida livre na grande natureza selvagem”, que “acorda os instintos”¹⁷⁵ (CENDRARS, 1960b, p. 442), demonstra mais uma vez a transformação do projeto pessoal e artístico de Blaise Cendrars, no sentido de sua refundação a partir da incorporação da alteridade radical, representada pelo primitivismo instintivo na sua obra.

No que se refere a essa incorporação da alteridade, com a valorização do primitivismo, podemos reconhecer em Cendrars um par europeu de Mário de Andrade, em especial, no que diz respeito a uma ideia de “civilização tropical” (Cf. BOTELHO, dec. 2013, p. 15-50). Tanto Mário de Andrade quanto Blaise Cendrars apresentam em

¹⁷⁴ “Mais la barre franchie, [...] quand le navire [contorna os igapós das terras móveis de Marajó] [...] c’est seulement alors que le touriste réalise que, non seulement il a été transporté dans un monde nouveau, mais encore qu’il aborde, qu’il pénètre dans un monde interdit... et, instantannément, il en subit l’attrait ou le mystère, et il en est tout bouleversé car son dépauement est total./ La sensation subite d’être plongé dans un univers inconnu est une sensation grandiose, au-delà de toute expression, et probablement aussi c’est la sensation la plus forte, la plus inquietante qui puisse troubler un homme civilisé. Il suffit pour s’en convaincre d’observer les passagers du bord durant la lente remontée du fleuve.” (tradução minha).

¹⁷⁵ (tradução minha).

seus relatos de viagem pelo Brasil uma concepção plural de “civilização”, com lugar para as diferenças. Como diz André Botelho com relação a Mário de Andrade, essa visão plural de civilização é “mais sincrética que sintética” (BOTELHO, dec. 2013, p. 21). Então, assim como Mário de Andrade valoriza a cultura popular, conferindo dignidade aos homens simples da Amazônia na sua construção de uma “civilização mais plural” (BOTELHO, dec. 2013, p. 49), de uma “utopia amazônica” nos termos de Telê Ancona Lopez (*Apud*, LIMA; Botelho, jul-set 2013, p. 753; *Cf.* LOPEZ, 1972; *Idem*, in ANDRADE, 1976), Cendrars incorpora esses “nativos”, esse “povo perdido”, “perdido no tempo”, “à margem da época contemporânea” (CENDRARS, 1960b, p. 446), na construção da sua respectiva ideia de uma civilização “tropical”. Desta forma, Cendrars, como Mário de Andrade, ao abrir-se para as diferenças, amplia não só seu “campo de visão”, como seu “modo de ver” (BOTELHO, dec. 2013, p. 25).

Muito valorizado por Cendrars em sua obra, o chamado “caboclo” é, para ele, o agente da unidade do Brasil: “se o *caboclo* fez a unidade do país, seu tipo ainda não se fixou e se encontra atualmente mais uma vez em plena evolução” (CENDRARS, 1960b, p. 447), apesar de não o considerar um autóctone, mas sim um “adaptado” que adotou o “gênero de existência” e os modos de vida dos indígenas (CENDRARS, 1960b, p. 446). Desta forma, assim como a “nação brasileira”, a “nova raça não está ainda [solidamente constituída]” (CENDRARS, 1960b, p. 447), deixando clara uma concepção de civilização que se constrói através da miscigenação. Essa tese ele elabora, mais uma vez, fazendo uso de narrativas historiográficas, indo buscar nas aventuras dos portugueses, na sua “sede de ouro”, na sua “luxúria” (como, aliás, na obra de seu amigo Paulo Prado), as razões da conquista do território amazônico, enfatizando o caráter “único” desta conquista.

O *caboclo* é o descendente direto do tropeiro, do homem de armas português que, desde o início do século XVI, veio do outro lado do mar, do menor país da velha Europa, conquistar essa imensa região do Novo Mundo: a floresta brasileira das fabulosas, legendárias riquezas...

Esta conquista é única na história do mundo, pois, mais do que uma epopeia com fastos militares, foi uma lenta progressão, uma infiltração de pequenos grupos ou pequenos bandos cujos anais heroicos se estendem por dois, três séculos; de verdade, uma colonização teimosa, que não terminou ainda nos nossos dias, pois cada família brasileira pode lhes contar, década por década, a crônica, frequentemente prodigiosa e mais frequentemente ainda anedótica, viva, de suas lutas, de suas rivalidades, de suas vendettas, de sua fortuna, de seus sucessos, de suas misérias, de sua ruína, de suas alianças, de suas novas conquistas, de suas peregrinações, de suas novas tentativas, de seus dissabores, numa palavra, de seu estabelecimento.

Impelido por uma miragem – pela aventura, a sede de ouro, a luxúria – eu vejo o tropeiro português do século XVI penetrar na mata, dispersar-se na

grande floresta, saqueando, violando, “mineralizando”, cassando os escravos, tomando brutalmente índias e negras que ele arrasta consigo, para finalmente ter descendência, povoar de rebentos ‘mamelucos’ (etimologicamente: ‘*mamas loucas*’, *mães loucas*) a imensidão da floresta brasileira [...].

É porque, se a nação brasileira é solidamente constituída, a nova raça ainda não o é, ainda que cheia de promessas sadias, e mais particularmente, se o *caboclo* fez a unidade do país, seu tipo não se fixou e se encontra hoje uma vez mais em plena evolução.¹⁷⁶ (CENDRARS, 1960b, 446-447).

Cendrars conclui esse último ensaio-reportagem de *Histoires vraies*, “*En transatlantique dans la forêt vierge*”, com a afirmação de que o “encontro” com o homem amazonense ultrapassa em muito tudo o que se podia imaginar, que esse “encontro” faz o “viajante moderno” “remontar o curso das eras”, ocupar “o centro mesmo do círculo mágico que o homem amazonense traçou e ocupa desde a noite dos tempos (e talvez desde a origem da vida da terra) no coração da grande floresta primitiva.”¹⁷⁷ (CENDRARS, 1960b, p. 450-451).

Tendo em conta que não existe comprovação dessa viagem de Blaise Cendrars à Amazônia, pode-se afirmar que o franco-suíço não só autentica sua obra pelo apelo à experiência vivida - registrando o “real” através de uma mirada etnográfica-, como também legitima suas teses sobre essa “realidade” pelas reminiscências de suas leituras, especialmente aquelas de viés historiográfico. Através de uma desterritorialização de sua posição inicial no quadro da literatura internacional, ele faz uso dessas abordagens para construir seu novo território escritural, forjando uma ideia de Brasil que culmina na afirmação de um ideal utópico de uma terra e uma gente do futuro, com a força

¹⁷⁶ “Le *caboclo* est le descendant direct du troupier, de l’homme d’armes portugais qui, dès le début du seizième siècle, vint de l’autre côté des mers, du plus petit pays de la vieille Europe, conquérir cette immense région du Nouveau-Monde : la forêt brésilienne aux fabuleuses, aux légendaires richesses.../ Cette conquête est unique dans l’histoire du monde, car plutôt qu’une épopée aux fastes militaires, ce fut une lente progression, une infiltration par petits groupes ou par petites bandes dont les annales héroïques s’étendent sur deux, trois siècles ; en vérité, une colonisation têtue, qui n’est pas encore terminée de nos jours, car chaque famille brésilienne peut vous raconter, décade par décade, la chronique, souvent prodigieuse et plus souvent encore anecdotique, vivante, de ses luttes, de ses rivalités, de ses vendettas, de sa fortune, de ses réussites, de ses misères, de sa ruine, de ses alliances, de ses nouvelles conquêtes, de ses pérégrinations, de ses nouvelles tentatives, de ses déboires, bref, de son établissement./ Poussé par un mirage – par l’aventure, la soif de l’or, la luxure – je vois le troupier portugais du seizième siècle pénétrer sous bois, s’égayer dans la grande forêt, razziant, violant, « minéralisant », chassant des esclaves, s’emparant brutalement des Indiennes et des négresses qu’il traîne avec soi, pour finalement faire souche, peupler de rejetons « mameloucs » l’immensité de la forêt brésilienne [...]/ C’est pourquoi, si la nation brésilienne est solidement constituée, la nouvelle race ne l’est pas encore, quoique pleine de saines promesses, et plus particulièrement, si le caboclo a fait l’unité du pays, son type n’est pas encore fixé et se trouve aujourd’hui une fois de plus en pleine évolution.” (tradução minha).

¹⁷⁷ “[o encontro com o homem amazonense faz o ‘viajante moderno’] remonter le cours des âges”, “[ocupar o] centre même du cercle magique que l’homme amazonien a tracé et occupe depuis la nuit des temps (et peut-être depuis l’origine de la vie sur terre) au coeur de la grande forêt primitive.” (tradução minha).

disruptiva de suas representações sobre o país¹⁷⁸ (ANDRADE, 1976, p. 51; *apud* BOTELHO, dec. 2013, p. 37).

3- “*Fébronio (Magia sexualis)*” (1938): a civilização ao avesso, os bandidos segundo uma mirada etnográfica

“*Fébronio (Magia sexualis)*” é um dos capítulos de *La vie dangereuse*, publicado em 1938 e também classificado como um livro de “nouvelles” pelo editor, mas que o próprio Blaise Cendrars chamou de “histórias verdadeiras”. O ensaio-reportagem baseia-se numa reportagem que o autor fez a partir de uma entrevista com o personagem principal. Febrônio Índio do Brasil foi um psicopata célebre no Brasil, que assassinou várias pessoas, arrancando seus dentes e tatuando em suas vítimas um signo cabalístico, que seria, segundo ele mesmo, um símbolo de Deus. O próprio Febrônio proclamou-se “o filho da luz” e “o príncipe de fogo”, e teria levado ao editor seu livro *As Revelações do Príncipe de Fogo*, no qual explicaria o que acreditava ser sua missão. Deste livro, só teriam restado algumas passagens copiadas por Cendrars de um jornal local¹⁷⁹ (FREITAS; LEROY, 1998, p. 158).

A chave para compreensão do assassino está para Cendrars tanto no clima quanto na miscigenação e na marginalização dos negros na sociedade brasileira. Ele abre o capítulo, apresentando um paradoxo: liberdade + prisão = festa. Segundo o autor, quando ele foi visitar o bandido na cadeia no Rio de Janeiro, havia uma atmosfera de despreocupação, de liberdade, quiçá de completa independência, de festa (CENDRARS, 1960, p.523). Cendrars descreve o cenário da prisão como o de uma festa de Carnaval, onde só havia negros, cantando, dançando, tocando instrumentos musicais.

Cendrars defende os assassinos negros que seriam “bons cristãos” e teriam matado pela honra, como Dieudonné, um mulato pescador, desertor da Marinha, natural da colônia de Jurujuba, tatuado como Febrônio (CENDRARS, 1960, p. 525-526). O autor descreve o “povinho” carioca como gente de uma suprema bondade, inocência e mansuetude, o que ele credits à mistura de raças, ao clima quente e à natureza exuberante do Rio de Janeiro. Ele também teria ficado sabendo de três criminosos hediondos, brancos e estrangeiros, que teriam sido levados ao crime pela exasperação

¹⁷⁸ Ver a ambiguidade de Mário de Andrade entre a afirmação da força da experiência vivida e “as reminiscências de leituras [que] me impulsionaram mais que a verdade”.

¹⁷⁹ Carlos Augusto Calil encontrou um fragmento de *As Revelações do Príncipe de Fogo* na Biblioteca de Mário de Andrade.

que o clima e a “promiscuidade” dos negros teriam provocado neles (CENDRARS, 1960, p. 526).

Esse determinismo do clima e da formação demográfica surge em vários momentos na sua obra relacionada com o Brasil, condicionando a ideia de civilização que Cendrars constroi sobre o país, apesar de esse determinismo parecer engendrar um preconceito, ao contrário: ao invés de segregar, Cendrars acolhe esses marginais. A originalidade do enfoque de Cendrars é que ele inverte os signos negativos desse determinismo, subvertendo-os no sentido da afirmação de suas qualidades positivas como elementos que contribuem para a construção de um modelo civilizatório muito mais plural e integrador.

Na segunda parte do capítulo, intitulada “Fébronio Índio do Brasil”, Blaise Cendrars defende a tese de que os negros, para não dizer os “primitivos”, no Brasil, teriam assimilado a mentalidade e os preconceitos de seus patrões brancos. A essa assimilação são atribuídos os crimes dessa gente, que seriam como “curto-circuitos”, como uma reviravolta: “un retour de flamme”, “un choc en retour” (CENDRARS, 1960, p.530), em relação àquela ideia etnocêntrica de civilização que os brancos europeus construíram (CENDRARS, 1960, p.530).

A criminalidade das pessoas de cor, para não dizer dos primitivos que estão em contato cotidiano ou às voltas com a civilização moderna e que têm mais ou menos, por bem ou por mal, sofrido, adotado, imitado, aprendido, fingido, frequentemente até à inibição de seus instintos e reflexos mais naturais, a mentalidade e os preconceitos de seus senhores e patrões brancos, sempre me interessaram vivamente, pois considero como um curto-circuito, uma reviravolta, um contrachoque.¹⁸⁰ (CENDRARS, 1960, p. 530)

A incorporação dos “bandidos” na construção de sua ideia de uma nova civilização (civilização essa que seria o Brasil para o mundo) demonstra o quanto o país representa para Cendrars uma alteridade radical que, ao invés de corresponder a uma ideia de utopia como perfeição, veicula a noção de utopia como de um lugar onde o oposto da civilização europeia domina. Isto é, o “primitivo”, o instintivo, o totêmico, mesmo o tabu, o crime colaboram na sua construção de uma utopia que incorpora os marginais.

¹⁸⁰ “La criminalité des gens de couleur, pour ne pas dire des primitifs qui sont en contact quotidien ou aux prises avec la civilisation moderne et qui ont plus ou moins, de gré ou de force, subi, adopté, imité, appris, singé, et souvent jusqu’ à l’inhibition de leurs instincts et de leurs réflexes les plus naturels, la mentalité et les préjugés de leur maîtres ou de leurs patrons blancs, m’a toujours très vivement intéressé car je considère comme un court-circuit, un retour de flamme, un choc en retour.” (tradução minha).

Neste sentido, no paradigma cendrarsiano de civilização, até mesmo os criminosos são, apesar deles mesmos, agentes “civilizatórios”, ao repudiarem com seus atos o *status quo* excludente do modelo civilizatório europeu, que, por bem ou por mal, eles mesmos teriam assimilado. Tal qual afirmam André Botelho e Nísia Trindade Lima com relação a Mário de Andrade (Cf. LIMA; BOTELHO, jul-set. 2013, p.760), a valorização do “primitivo” em Blaise Cendrars surge como contraponto à tendência homogeneizante do paradigma civilizatório eurocêntrico, afirmando o pluralismo social, cultural e étnico da sua utopia brasileira.

Blaise Cendrars, seguindo esse raciocínio, também é, apesar dele mesmo - apesar de seu ceticismo, de suas críticas à civilização europeia - um agente “civilizatório”, no mínimo, por alargar, com sua obra, as fronteiras da “civilização” para além de seus limites convencionais, senão mesmo por inverter, de ponta à cabeça, o seu “centro” irradiador.

A seguir, Blaise Cendrars recorre mais uma vez à história dos costumes, à maneira de Gilberto Freyre, para traçar um histórico sobre a “mistura de sangue” no Brasil, cuja complexidade o ajuda a justificar “a criminalidade das pessoas de cor” no país.

No Brasil, por exemplo, onde a mistura de raças está longe de acabar; onde, no passado, os pioneiros portugueses do século XVI procriaram com as negras importadas e as índias, que eles violavam; onde seus produtos ou subprodutos cruzaram entre si multiplicando-se patriarcalmente até a libertação dos escravos, que só se deu em 1887 (sic); e onde a esta mestiçagem geral, vieram se misturar, nos tempos modernos, uma primeira onda de colonos mediterrâneos, depois uma forte imigração nórdica e, nos últimos anos, um grande aporte de amarelos, não é nada espantoso se neste país tropical os anais criminais são incomparavelmente complexos e estranhos, dada a mentalidade inédita que eles revelam: enigma da alma humana que desconcerta psiquiatras e especialistas.¹⁸¹ (CENDRARS, 1960, p. 530)

A

preocupação de Cendrars com a relação entre crime e raça no Brasil não se limita aos negros, mas estende-se também aos japoneses recém-chegados ao Brasil. É o caso de

¹⁸¹ “Au Brésil, par exemple, où le mélange des races est loin d’être parachevé ; où, dans le passé, les pionniers portugais du XVIème siècle ont fait souche avec des négresses importées et les Indiennes, qu’ils violentaient ; où leurs produits et leurs sous-produits se sont croisés entre eux en se multipliaient patriarcalement jusqu’à la libération des esclaves, qui ne date que de 1887 (sic); et où, à ce métissage général, sont venus se mêler, dans les temps modernes, une première vague de colons méditerranéens, puis une forte immigration nordique et, ces dernières années, un gros aspect apport de jaunes, quoi d’étonnant si dans ce pays tropical les annales criminelles sont à nulles autres pareilles par la complexité, l’étrangeté, la mentalité inédite qu’elles révèlent : énigme de l’âme humaine qui déconcerte psychiatres et spécialistes” (tradução minha).

Kadota, outro criminoso que Blaise Cendrars entrevistou na prisão, um japonês que matara sua família, crime que ficou conhecido como "o massacre de Pennapolis". Para Cendrars, esse assassinato teria acontecido num "acesso" de "terror místico" ou "ancestral" (CENDRARS, 1960, p. 530- 532). Ele chega a essa conclusão ao ver os desenhos de peixes feitos pelo assassino que cobriam as paredes e o chão de sua cela, e deduz que o peixe seria a representação do "grande ancestral" da "raça" no Japão. Por isso, Cendrars conclui: "Kadota sacrificou sua família em nome da raça" (CENDRARS, 1960, p. 532).

Febrônio Índio do Brasil era, segundo Blaise Cendrars, um sádico negro e cristão, grande leitor da Bíblia, nascido em Diamantina, Minas Gerais, "a antiga província das minas de ouro, onde todos os negros que vêm ao mundo são músicos e cantores" (CENDRARS, 1960, p. 533). Ele teria escutado a voz de Deus, secundada por uma voz de uma deidade da selva brasileira, como uma serpente que envolve a imagem da Virgem Maria branca com o menino Jesus negro no colo, vestida com um manto de penas, cultuada numa igreja católica da Bahia, "esta Roma supersticiosa dos negros sul-americanos" (CENDRARS, 1960, p. 533). Além dessas duas, havia também uma terceira voz, "insaciável e insatisfeita", de um grande fetiche da África, "zoomorfe e necrófilo", que lhe teria dito a palavra-chave: tabu.

Deste modo, os negros "fetichistas" passariam pelo batismo e pela comunhão do sangue vivo, através dos quais se identificariam com "o grande todo". Esses fetichistas negros praticariam uma série de rituais de "bruxaria" para se identificar com o "Totem": incisões, queimaduras, cicatrizes escamosas, deformação dos lábios, mutilações do crânio e do sexo, tatuagens de todo tipo, dentre outros.

Nada disso teria sido levado em conta pelo juiz ou pelo psiquiatra, que classificaram Febrônio como "louco altruísta" e "tipo clássico do assassino em série" (CENDRARS, 1960, p. 534). Para Cendrars, a "lei" e a "ciência" dos brancos deveria considerar as "visões, sonhos, vozes, raciocínios e linguagem gratuitos, imagens-força, atos simbólicos que abundam na história de Febrônio" que explicariam "a psicogênese, o mecanismo mórbido, o comportamento da mentalidade, os recalques, a imaginação, o

delírio, o esgotamento da alma dos indígenas e dos transplantados”.¹⁸² (CENDRARS, 1960, p. 534).

Vemos como Blaise Cendrars valoriza o primitivismo e as “raças” como chaves para a compreensão da nova civilização que ele vê surgir na América do Sul. Cendrars dá importância, então, ao legado cultural que os povos ancestrais deixam para as etnias que compõem o brasileiro contemporâneo. Valoriza, especialmente, a cultura dos indígenas primitivos e dos transplantados africanos, bem como, ocasionalmente, dos orientais, como no caso de Kadota. Neste sentido, ele incorpora em sua obra a alteridade radical que esses povos legaram aos novos povos sul-americanos como princípio de conhecimento da “realidade”, rejeitando o cartesianismo europeu.

Vale lembrar que as questões de totem e tabu aparecem não só em obras anteriores às suas viagens ao Brasil - como *Comment les blancs sont d'anciens noirs* - quanto posteriores - como *Le lotissement du ciel*. Febrônio seria, então, para ele, um descendente longínquo de um grande feiticeiro africano, um “bastardo”, “negro-cristão”, cuja inteligência e espiritualidade se esgotariam e naufragariam nas “antípodas da tradição panteísta e da religião animista de sua raça”, como “todos os negros do Brasil” que não poderiam “beber das fontes vivas da mística africana e são como crianças perdidas, um mestiço apesar de sua profunda coloração”¹⁸³ (CENDRARS, 1960, p. 534). Essas questões de totem e tabu se constituiriam, pois, em chaves analíticas para a compreensão de seus crimes.

Cendrars narra, então, a história de Febrônio desde a infância, passando pela adolescência até chegar à vida adulta. Conta que havia aprendido o ofício de açougueiro com seu pai e que cometia toda sorte de crimes menores; que foi internado numa instituição de correção de menores; que andou pelo país; que foi para cadeia, onde se tornou um grande leitor da Bíblia.

Febrônio seria o tipo que o “povo supersticioso” dos subúrbios cariocas chamaria de “fascinador”, o que leva Cendrars a traçar um breve retrato da vida do Rio

¹⁸² “[...] tant que la Loi ou la Science des blancs ne tiendra pas compte ou n’étudiera pas cette basse-chiffree que je note em contrepoint – visions, rêves, voix, raisonnements et langage gratuits, images-force, actes symboliques dont l’histoire de Fébronio est pleine – on ne comprendra jamais rien à la psychogenèse, au mécanisme morbide, au comportement de la mentalité, ni rien aux refoulements, aux imaginations, au délire, à l’épuisement de l’âme des indigènes et des transplantés.” (tradução minha).

¹⁸³ “A mes yeux Fébronio est le lointain descendant d’un grand sorcier d’Afrique et, comme tous les noirs du Brésil qui ne peuvent plus s’abreuver aux sources vives de la mystique africaine et sont des enfants perdus, un métis malgré sa profonde coloration, c’est-à-dire un bâtard négro-chrétien dont l’intelligence et la spiritualité s’épuisent et sombrent aux antipodes de la tradition panthéistique et de la religion animiste de sa race.” (tradução minha).

de Janeiro, então capital do país, que faz lembrar, com suas observações sobre aspectos pitorescos do cotidiano da cidade e de seus costumes, o prefácio de Gilberto Freyre, “O Rio que Gastão Cruls vê”, a *Aparência do Rio de Janeiro*, livro de Cruls de 1948¹⁸⁴ (FREYRE, in CRULS, 1952, p. 13-17), posterior, pois, a *La vie dangereuse*. Nesse prefácio, Freyre propõe que se escreva o que ele chama de “guia” “prático, histórico e sentimental” das cidades brasileiras, sob uma perspectiva que valoriza seus hábitos e costumes culturais (aqueles bens culturais, atualmente chamados hoje de “imateriais”, para os quais Cendrars preconiza a proteção em seu anteprojeto para a criação da *Sociedade dos Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil*), citando, por exemplo, a prática da macumba na cidade (Cf. FREYRE, in CRULS, 1952, p. 13-17), tal qual Cendrars faz em “*Fébronio (Magia sexualis)*”.

O Rio de Janeiro, com seu calor, seu clima, sua atmosfera, sua paisagem, seria “como um lugar predestinado” para Febrônio, onde as “misteriosas cerimônias” da macumba e do candomblé seriam habituais. Nessa atmosfera, Febrônio tem revelada sua “missão” de “Príncipe do fogo”, em alguns dias e noites passados no morro do Pão de Açúcar. É nesse local que começa a arquitetar seu livro profético, *As revelações do Príncipe de Fogo* (chamado de “evangelho” por Cendrars, um livro de 67 páginas que teria sido publicado na cidade em 1925), adquirindo conhecimento do que significavam suas tatuagens e aquelas que fazia em suas vítimas, que seriam símbolos do Deus-Vivo (CENDRARS, 1960, p. 547-548).

A narrativa da história de Febrônio termina com a descrição da feérica noite da cidade do Rio de Janeiro.

O interesse de Blaise Cendrars pelos “bandidos” do Brasil, como Febrônio e Lampião (sobre o qual pretendia escrever um livro), sobretudo os negros e os mestiços, revela uma das tarefas que Cendrars gostaria de realizar no Brasil: estudar os criminosos, com uma legítima “sensibilidade etnográfica”. Nos seus escritos sobre eles, como “*Fébronio (Magia sexualis)*”, nota-se uma valorização desses bandidos, assim como da cultura de suas etnias, vistas como o avesso da civilização etnocêntrica da Europa natal de Cendrars, como uma verdadeira nova civilização, uma utopia às avessas, na qual caberiam os marginalizados, numa lógica segundo a qual o primitivismo prevalece sobre a racionalidade cartesiana. Essa representação dos marginais e bandidos revela a *empatia* de Cendrars em relação a eles, lembrando o

¹⁸⁴ O texto de Gilberto Freyre intitula-se “O Rio que Gastão Cruls vê”.

conceito de *empatia* de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, p. 23), em oposição ao preconceito em relação à sua diferença veiculado pelo modelo civilizatório eurocêntrico.

Neste sentido, a categoria *empatia*, com relação ao “povinho” brasileiro, *versus* preconceito, é tão central na obra de Cendrars sobre o Brasil quanto é, de acordo com André Botelho e Nísia Trindade Lima, em Mário de Andrade (LIMA; BOTELHO, jul-set. 2013, p. 758). Portanto, em “*Fébronio (Magia sexualis)*”, esse ensaio-reportagem sobre os *outsiders* da sociedade brasileira, no qual mistura reportagem com uma espécie de etnografia, ou mesmo uma antropologia, Cendrars usa o seu novo estilo das “histórias verdadeiras”, para construir sua *Utopialand*, seu “mundo à parte”, invertendo todos os sinais que fundamentam a noção etnocêntrica e eurocêntrica hegemônica de “civilização”. Por isso, podemos dizer que Cendrars desenvolve em sua obra sobre o Brasil uma “sensibilidade etnográfica” que é inseparável de sua construção de uma nova ideia de “civilização”.

Portanto, como afirma Guilherme Gutman, Cendrars, em “*Fébronio (Magia sexualis)*”, “ajudou a criar uma imagem do que seria a humanidade nos trópicos, uma fábula brasileira onde se podia encontrar aquilo que Foucault chamou de ‘grau zero da loucura’” (GUTMAN, junho 2010, p. 175-189). Teria, ainda, ajudado a criar uma imagem do Brasil “macunaímico” (GUTMAN, junho 2010, p. 178). Para o autor, Cendrars não estaria exatamente interessado em apreender o “real”, “numa progressão constante e retilínea” (GUTMAN, junho 2010, p. 185), mas o que lhe interessaria, sobretudo, seria a “explosão da criatividade fantástica, de surrealismo anticientífico” (GUTMAN, junho 2010, p. 185).

No entanto, consideramos que o texto sobre Febrônio é um dos textos de Cendrars sobre o Brasil, nos quais procura inventariar o “realidade social” do país, valendo-se de sua autoridade de *connaisseur*, com a introdução de narrativas ensaísticas, jornalísticas e historiográficas, sob sua mirada etnográfica, colaborando com a construção do mito do Brasil como uma civilização às avessas.

4- “*Noël à Bahia*” (1938): *valorização dos negros e mestiços segundo uma mirada etnográfica*

“*Noël à Bahia*” (CENDRARS, 1960, p. 548-557), na edição das obras completas de Blaise Cendrars de 1962, aparece publicado como terceira parte de “*Fébronio (Magia sexualis)*”. Já na mais recente publicação de suas obras completas,

de 2005, surge em *Trop, c'est trop*, originalmente publicado em 1955 sob a etiqueta de “mélanges” (misturas), no capítulo intitulado de “*Noël aux quatre coins du monde*”. Trata-se de um dos textos em que mais se verifica a “sensibilidade etnográfica” que o conhecimento do Brasil despertou em Cendrars, levando-o a inventariar a “realidade”, as manifestações culturais vivas que conhece em suas viagens pelo Brasil.

Outro ensaio-reportagem, essa “história verdadeira” debruça-se sobre a viagem que Blaise Cendrars teria feito à Bahia, à procura de informações sobre Lampião, “outro bandido brasileiro” “popular e romântico”. Ela se inicia com uma narrativa de viagem que descreve as festas de Salvador como reuniões onde negros e brancos “se misturam” na rua (CENDRARS, 1960, p. 548). A descrição da festa de Natal em Salvador, “A Roma dos negros”, nos remete à descrição da festa religiosa em Ouro Preto publicada em artigo de 1920 por Mário de Andrade, com a diferença que o enfoque etnográfico de Cendrars destaca sobretudo a apropriação pelos negros da festa religiosa dos Reis Magos, enquanto Mário de Andrade não se detém na contribuição dos negros em seu texto de 1920.

Portanto, quando coloquei os pés na terra (de Salvador, na Bahia), o baixo porto estava em júbilo – gritos, máscaras, músicas, cortejos, cozinha ao ar vivo, lojas, cavalos de madeira, gargalhadas, confetes, serpentinas, lança-perfume - e, na cidade alta, descambando sobre o povinho vestido com roupa de domingor fazendo mais balbúrdia no ar que três cargueiros belgas que descarregavam sua carga de chapas de prisão brutalmente sobre o cais, os sinos e carilhões se esganiçavam com frenesia. E eu fiquei atordoado ao sair das docas, não de insolação, como acontece de apanhar nas ruas dos trópicos, mas porque na rua onde eu ia pegar sol parecia-me estourar uma bomba, de tanto que esta ladeira estava esfuziamente colorida, com suas guirlandas elétricas acesas em pleno sol, seus festões, suas bandeiras, seus tapetes pendurados nas janelas, suas fachadas contrastantes, suas casas pintadas e seu arco de triunfo bárbaro que dava para o céu cru, de um azul-papagaio insustentável, que se elevava em todas as partes, sobre o ar que enveredava de música de dança, do belo cântico crioulo, no começo tão cheia de fé.

« *Christ nasceu à Bahia !* »

(*Le Christ est né à Bahia*)¹⁸⁵ (CENDRARS, 1960, p. 548-549)

¹⁸⁵ “Donc, quand je mis pied à terre (de Salvador, Bahia), le bas-port était en liesse – cris, masques, musiques, cortèges, cuisine en plein vent, boutiques, chevaux de bois, éclats de rire, confettis, serpentins, lance-parfum – et dans la ville haute, dégringolant sur le petit peuple endimanché et faisant plus de tintamarre dans les airs que les trois cargos belges qui déchargeaient leur cargaison de plaques de tôle brutalement sur les quais, les cloches et les carillons s'égosillaient avec frénésie. Et je restais étourdi en sortant des docks, non pas d'un coup de soleil, comme il arrive sous les tropiques d'en attraper un dans la rue, mais parce que dans la rue où j'allais m'engager le soleil lui-même me semblait éclater comme un pétard, tellement cette rue qui montait était brutalement colorée, avec ses guirlandes électriques allumées en plein jour, ses festons, ses drapeaux, ses tapis aux fenêtres, ses façades contrastées, ses maisons peintes et son arc de triomphe barbare qui donnait sur le ciel cru, d'un bleu-perroquet insoutenable, et que de partout s'élevait, sur un air engageant de musique de danse, le beau cantique créole, au début si plein de foi: « *Christ nasceu à Bahia !* »/ (*Le Christ est né à Bahia*)” (tradução minha).

Também, em “*Noël à Bahia*”, Cendrars usa o recurso à historiografia para não só informar o leitor, como para legitimar a tese que ele constrói nesse ensaio-reportagem que é sua “história verdadeira”¹⁸⁶ (CENDRARS, 1960, p. 549). Assim como a descrição de Mário de Andrade permanece fiel ao registro da “realidade social” encontrada por ele na cidade histórica de Minas, Cendrars descreve a “realidade social” encontrada em Salvador, segundo uma mirada etnográfica, em que a contribuição cultural dos negros se destaca, reproduzindo, por exemplo, cantos populares (CENDRARS, 1960, p. 550), como Mário de Andrade faz em seu *O turista aprendiz* sobre sua viagem ao Nordeste em 1928-29.

O registro do sincretismo religioso na Bahia contribui para a construção da tese de contornos etnográficos que, particularmente, nas suas “histórias verdadeiras”, Blaise Cendrars propõe: a de uma “civilização tropical”, nos moldes do que Telê Ancona Lopes e André Botelho sugerem em relação à obra de Mário de Andrade. Destaque-se em Cendrars, como em “*Noël à Bahia*”, a contribuição dos negros, em especial, na construção de seu novo território escriptural, na sua utopia às avessas, com a inclusão daqueles que ficavam de fora no paradigma eurocêntrico que ele supera.

O Cendrars “etnógrafo” enfatiza o papel dos antigos símbolos pagãos que os negros transplantados introduzem nos rituais da igreja católica trazidos da Europa pelos portugueses, especialmente pelos jesuítas. Como Gilberto Freyre em seu *Casa-grande & senzala*, Cendrars chama a atenção para o pluralismo cultural dos negros oriundos de diversas regiões da África, para o alto nível cultural de muitos deles e, sobretudo, para a alta espiritualidade deles, a qual sobreviveu, apesar de tantos constrangimentos sofridos com a escravidão (CENDRARS, 1960, p. 556).

¹⁸⁶ “A Bahia, *Bahia de todos os Santos, la Baie de tous les Saints* des anciens portulans, à Bahia cette vieille capitainerie portugaise du XVI ème siècle, qui est le premier établissement des Blancs au Brésil et que se disputèrent Portugais, Français, Espagnols et Hollandais, à Bahia, bourrée de couvents et de missions, mais qui fut durant près de trois siècles le plus grand marché d’esclaves sur les côtes du Nouveau Monde et une fois dans son histoire le siège de l’Inquisition en Amérique latine, à Bahia il y a autant d’églises que de jours dans l’année, - plus une, pour les années bissextiles, - et encore une, pour être bien sûr de ne pas s’être trompé dans ce décompte d’almanach et n’avoir oublié aucun saint du calendrier.”; “A Bahia, *Bahia de todos os Santos, la Baie de tous les Saints* dos antigos portulanos, nesta velha capitania portuguesa do século XVI que é a Bahia, primeiro lugar onde se estabeleceram os brancos no Brasil e que foi disputada por portugueses, franceses, espanhóis e holandeses, nesta Bahia, cheia de conventos e missões, mas que foi durante quase três séculos o maior mercado de escravos no litoral do Novo Mundo e que ainda foi sede da Inquisição na América Latina por uma vez na história, nesta Bahia onde há tantas igrejas quanto são os dias de um ano, - mais uma, para os anos bissexto, - e mais uma, para se assegurar de não se enganar neste desconto de almanaque e para não se esquecer de nenhum santo do calendário.” (tradução minha).

Blaise Cendrars, nessa outra “história verdadeira” de *La vie dangeureuse* que é “*Noël à Bahia*”, também valoriza o caráter de revolta dos negros transplantados e de seus descendentes, outro ponto em comum com Gilberto Freyre e mais um signo invertido em relação àquela ideia etnocêntrica de civilização que ele renega a partir de suas viagens ao Brasil. Cendrars põe em relevo as narrativas dos negros sobre sua história, chegando a dizer que os negros que se rebelaram, tendo por isso cometido “crimes”, os “negros marrons”, teriam “salvado” seu povo no “exílio” com o exemplo de seus sacrifícios. Mais uma vez, aqui, o seu “outro” é um exilado marginal ao *status quo*, um “pária”, como num espelho de si mesmo, o escritor-viajante que escolhe a vida de vagabundagem. Esse “exílio” funda a nova ideia de “civilização” que ele constroi. É dos “párias” que essa “nova” civilização surge. De forma que esses “párias” fundamentam o seu conceito de “novo” homem. Trata-se, pois, de uma grande afirmação da atuação desses homens simples e marginalizados como sujeitos da história.

E são esses alguns indivíduos perdidos na multidão dos escravos distribuída pelas plantações, são esses párias, estigmatizados pela história sob o nome de negros marrons – porque eles não se deixavam submeter, porque eles fugiam, porque eles se revoltavam porque eles fomentavam motins dentre os seus, porque eles exerciam um imenso ascendente sobre o espírito de seus irmãos aos olhos dos missionários cristãos, porque esses chefes que se faziam ouvir não se vergavam quando açoitados, porque eles suportavam as piores torturas sem pestanejar e eram tidos como seres miraculosos aos olhos de seus congêneres, porque esta elite se vingava, porque alguns cometiam os piores crimes contra os brancos, é verdade, e outros pregavam, recordavam, contando histórias, iniciavam, militavam secretamente, puniam, reinavam pelo terror e pelo ocultismo, - são esses indivíduos perseguidos, assinalados, marcados com o ferro incandescente, eles, cujos nomes próprios os anais coloniais não transmitiram ou somente transmitiram a alcunha infamante dos que foram executados, supliciados em praça pública e pregados no pelourinho, são esses criminosos que salvaram seu povo no exílio, permitindo, com seu exemplo e sacrifício, que a alma dos negros americanos não definhasse apesar de três séculos de opressão [...]”¹⁸⁷(CENDRARS, 1960, p. 556-557).

¹⁸⁷ “Et ce sont ces quelques individus perdus dans la foule des esclaves distribuée dans les plantations, ce sont ces parias, stigmatisés dans l’histoire sous le nom de nègres marrons – parce qu’ils ne se soumettaient pas, parce qu’ils s’enfuyaient, parce qu’ils se révoltaient, parce qu’ils fomentaient des mutineries parmi les leurs, parce qu’aux yeux des missionnaires chrétiens ils exerçaient un trop grand ascendant sur l’esprit de leurs frères, parce que ces chefs écoutés ne pliaient pas l’échine sous le fouet, supportaient sans sourciller les pires tortures et passaient aux yeux de leurs congénères pour des êtres miraculeux, parce que cette élite se vengeait, parce que certains commettaient, il est vrai, les pires forfaits sur les blancs et que d’autres prêchaient, se souvenaient, racontaient des histoires, initiaient, militaient secrètement, sévissaient, régnaient par la terreur et l’occultisme, - ce sont ces individus persécutés, signalés, marqués au fer rouge, et dont les annales coloniales n’ont transmis le nom propre ou le sobriquet infamant que de ceux exécutés, suppliciés en place publique et pour avoir été cloués au pilori ce sont ces criminels qui ont sauvé leur peuple en exil en permettant par leur exemple et leur sacrifice à l’âme des noirs américains de ne pas dépérir malgré trois siècles d’oppression [...]” (tradução minha).

Considerações finais

A reafirmação do país como lugar mítico de renascimento, de “descoberta”, abre-se à afirmação de uma *Utopialand* e do advento de um novo paradigma civilizatório, no qual a sociedade é produto das diferenças socioculturais e o novo homem nasce da miscigenação, admitindo até, apesar de seus crimes, os criminosos como “agentes civilizatórios”, na medida em que eles alargam o sentido de civilização ao confrontarem o homem com suas origens primitivas.

Há, como visto, uma recusa, assim, daquele modelo civilizatório que associa o bem ao belo, à perfeição. O que há mesmo nas representações do Brasil e dos brasileiros em Cendrars são pessoas, grupos e discursos, e suas relações com as práticas, os usos e os costumes do país, desde um retrato da elite cafeeira paulista à valorização de aspectos da cultura popular.

O Brasil de Blaise Cendrars é o lugar onde fermentam todas as contradições e paradoxos. No que se refere à paisagem, temos os contrastes e o paroxismo das misturas. No que se refere à população, exalta-se a miscigenação racial e o hibridismo sociocultural. Vemos a *empatia* de Cendrars pelo “povinho”, pelos excluídos da “história oficial” – a qual ele critica em *Bourlinguer* (Cf. CENDRARS, 1997) – pela gente do interior, de um Brasil profundo, pelos negros, indígenas, caboclos, de quem retira o “barro” que sustenta seu conceito de “homem novo”. Podemos, pois, considerar que ele propõe uma reflexão sobre os “sujeitos” da história, no sentido de incluir aqueles “sujeitos” subordinados pelo modelo etno e eurocêntrico de “civilização”.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 23.

BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

BOTELHO, André. “A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n° 57, Dossiê Mário de Andrade, São Paulo, dec. 2013, Disponível In: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n57/02.pdf>.

CENDRARS, Blaise. *Obras Completas*, v. 4. *La perle fiévreuse, Moganni Nameh, Comment les blancs sont d'anciens Noirs, Aujourd'hui, Vol a Voile, Panorama de la pègre, Hollywood la merque du cinéma, La Vie Dangereuse*. Paris: Denoël, 1960.

CENDRARS, Blaise. *Obras completas*, v.3. *Le plan de l'aiguille, Les Confessions de Dan Yack, Rhum, Histoires Vraies*. Paris: Denoël, 1960(b).

CENDRARS, Blaise. *Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CENDRARS, Blaise. *Aujourd'hui*, suivi de Jéroboam et la Sirène, Sous le signe de François Villon, Le Brésil et Trop c'est trop. Tout autour d'aujourd'hui 11 (Obras completas n° 11). Paris : Denoël, 2005.

CENDRARS, Blaise. *Bourlinguer*. Paris: Éditions Denoël, 1997.

FREITAS, Maria Teresa de; LEROY, Claude (direction). *Brésil, L'Utopialand de Blaise Cendrars*. Paris: Harmattan, 1998.

FREYRE, Gilberto. “O Rio que Gastão Cruls vê”, In: CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.

GUTMAN, Guilherme. “Febronio, Blaise & Heitor. Pathos, violência e poder”. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175-189, junho 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1920-1947: volume I*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Nísia Trindade; BOTELHO, André. “Malária como doença e perspectiva cultural nas viagens de Carlos Chagas e Mário de Andrade à Amazônia”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, jul-set. 2013, p. 745-763.

LOPEZ, Telê Anconda. (Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez) “Viagens etnográficas” de Mário de Andrade’. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

THIÉRIOT, Teresa. “Puxando conversa”. In: CENDRARS, Blaise. *Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

Enviado em: 16/03/2016.

Aprovado em: 02/06/2016.